CAPÍTULO UM

A TRANSDISCIPLINARIDADE COMO CAMINHO PARA UMA EDUCAÇÃO CONECTADA EM "REENCANTAR O EDUCANDO: A REVOLUÇÃO DA TRANSDISCIPLINARIDADE NO ENSINO BÁSICO"

Querte T. Conzi Melhecke
Wilbett Oliveira

Querte T. Conzi Melhecke
Pós-doc em Inovação Pedagógica e Pesquisadora na Universidade Federal de Pernambuco/EDUMATEC; Grupo de Pesquisa EDUCAT, Laboratório de Pesquisa e Prática Educação, Metodologias e Tecnologias (UFPE/CNPq). Doutorado em Informática na Educação (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Realizou estágio de Doutorado na Universidade Aberta (Lisboa, Portugal), Pós-graduação em Educação Empresarial, (FACCAT), Pós-Graduação em Informática na Educação a Distância (UFRGS), Pós-Graduação em Políticas Públicas, Pós-graduação em Direito Educacional. Membro do Parlamentario Mundial de La Educación.

Wilbett Oliveira
Editor, Pós-Graduado em Literatura Brasileira (Universidade Salgado de Oliveira, RJ), Pós-Graduado em Ensino de Filosofia e Sociologia (Alfa/SP). Atuou como professor universitário nas disciplimas de Metodologia da Pesquisa e Redação Científica na Faculdade Multivix/Vitória e na Faculdade do Sul da Bahia. É editor da revista *Desleituras*. É autor de *Melhorando a redação do texto acadêmico* (Cajuína, 2023).

MATTE, Hubbert. *Reencantar o educando*: a evolução da transdisciplinaridade na educação básica. São Paulo: Editora Calêndula, 2016. 286 p. DOI: https://doi.org/10.56372/desleituras.v20i20.263.

I Credenciais do autor

Hubert Matte é Graduado em Teologia (Universidade Lu-terana do Brasil), Graduado em Ciências Sociais (Universidade Luterana do Bra-sil); Especialização em Docência do En-sino Superior (UNIASSELVI); Mestrado em Ciências Sociais (PUC-RS); Doutor em Educação (Universidade Interna-cional Iberoamericana do México) com ênfase na ressignificação do ensino e a transdisciplinaridade. Tem experiência na área de Teologia, Antropologia e Sociolo-gia, com ênfase em Antropologia e Socio-logia das religiões, atuando principal-mente nos seguintes temas: igrejas, Igreja Luterana e organizações sociais. Membro do Grupo de Pesquisa: Educação Social e Transversalidade da ULBRA/Canoas, RS.

II Escopo da obra

O escopo central do livro "Reencantar o educando: a evolução da transdisciplinaridade na educação básica", de autoria de Hubbert Matte, publicada em 2026 pela Editora Calêndula, consiste na investigação da crise da aprendizagem significativa na escola contemporânea. Neste livro, Matte propõe a transdisciplinaridade não meramente como um arranjo metodológico e didático, mas como uma mudança paradigmática e epistemológica profunda, indispensável para superar a fragmentação do conhecimento gerada pelo modelo cartesiano na educação básica.

Para fundamentar sua tese, o texto estabelece uma rigorosa articulação teórica com o pensamento complexo de Edgar Morin, a matriz epistemológica de Basarab Nicolescu e a perspectiva dialógica de Paulo Freire. Paralelamente à robustez teórica, a obra ancora-se em uma

dimensão empírica rigorosa: uma investigação qualitativa realizada por meio de observações e entrevistas em escolas públicas brasileiras.

III Resumo descritivo/analítico da obra

A estrutura do livro divide-se em cinco capítulos que interconectam a fundamentação epistemológica, o resgate histórico da educação nacional, a análise dos dados empíricos e as proposições para a formação docente. O texto a seguir examina pormenorizadamente a articulação desses eixos, bem como o rigor e as limitações do estudo.

O primeiro capítulo constitui o verdadeiro núcleo epistemológico da obra. Mais do que apresentar a transdisciplinaridade como uma metodologia didática, o autor procura demonstrar que ela representa uma mudança radical na forma de compreender o conhecimento e, consequentemente, o próprio processo educativo.

Logo no início, estabelece uma distinção rigorosa entre multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. Essa diferenciação não é apenas terminológica. O autor demonstra que a multidisciplinaridade limita-se à justaposição de perspectivas disciplinares, enquanto a interdisciplinaridade promove a transferência de métodos entre áreas do conhecimento. Já a transdisciplinaridade ultrapassa ambas por buscar compreender a realidade "entre, através e além das disciplinas", orientando-se pela unidade do conhecimento e pela complexidade do mundo contemporâneo. Essa fundamentação, apoiada principalmente em Basarab Nicolescu, constitui um dos momentos conceitualmente mais sólidos do capítulo.

Um mérito importante da argumentação reside em afastar interpretações simplificadoras da transdisciplinaridade. O autor insiste que ela não deve ser reduzida a projetos integradores ocasionais nem confundida com práticas pedagógicas interdisciplinares tradicionais. Pelo contrário, trata-se de uma postura epistemológica que exige reconhecer simultaneamente suas dimensões teórica, fenomenológica e experimental, evitando transformá-la em mera "moda pedagógica". Nesse aspecto, percebe-se uma preocupação em responder às críti-

cas frequentemente dirigidas ao conceito. Em vez de apresentar uma proposta idealizada, o autor procura mostrar que a transdisciplinaridade exige rigor científico, abertura ao diálogo entre saberes e permanente articulação entre teoria e prática.

Quanto ao contexto educacional, no entanto, a contribuição mais significativa do capítulo talvez esteja na crítica ao paradigma cartesiano que ainda estrutura grande parte da escola brasileira. Segundo o autor, a fragmentação disciplinar, herança da racionalidade moderna, produz um ensino compartimentado, distante da realidade dos estudantes e incapaz de responder aos desafios de uma sociedade caracterizada pela complexidade. Essa fragmentação não seria apenas curricular, mas também antropológica, pois reduz o estudante à dimensão cognitiva e ignora sua história, sua cultura, seus afetos e seu contexto social.

Ao desenvolver essa crítica, a obra dialoga constantemente com Edgar Morin, especialmente quando incorpora a noção de pensamento complexo. O conhecimento deixa de ser compreendido como uma sequência linear de conteúdos para tornar-se uma rede dinâmica de relações, exigindo do professor uma postura investigativa e reflexiva.

É particularmente relevante a maneira como o autor aproxima a transdisciplinaridade das discussões sobre pós-modernidade. A educação passa a ser entendida como resposta a um mundo marcado pela incerteza, pela fluidez e pela multiplicidade de experiências humanas. Nesse contexto, já não basta transmitir informações; torna-se necessário formar sujeitos capazes de interpretar criticamente a realidade, construir sentidos e atuar socialmente., o que aproxima o texto das formulações de Paulo Freire, ainda que o diálogo nem sempre seja explicitado em profundidade. Quando o autor defende que professor e estudante devem ocupar posições complementares na produção do conhecimento, percebe-se forte convergência com a crítica freireana à educação bancária.

A formação docente é signitificativamnte debataida neste livro. Nesse contexto, o professor deixa de ser concebido como simples transmissor de conteúdos para assumir a condição de mediador, pes-

quisador e organizador de experiências de aprendizagem. Essa mudança implica também revisão curricular nas licenciaturas, formação continuada e desenvolvimento de competências voltadas ao trabalho colaborativo e à integração dos saberes. No entanto, observa-se certa tensão interna na argumentação. Embora o autor reconheça que a crise educacional possui causas estruturais, políticas e socioeconômicas, a maior parte das soluções propostas permanece concentrada na transformação da prática docente. Questões relacionadas às políticas públicas, ao financiamento da educação, às condições de trabalho dos professores e às desigualdades estruturais recebem tratamento relativamente secundário. Essa opção faz com que a obra, por vezes, atribua à escola responsabilidades cuja resolução extrapola significativamente seu campo de atuação.

Destque também é dado ao caráter fortemente normativo deste capítulo. Em diversos momentos predominam formulações prescritivas — "o professor deve", "a escola precisa", "a educação necessita" — sem que sejam discutidas suficientemente as resistências institucionais à implementação desse paradigma. Ainda assim, trata-se de um capítulo teoricamente consistente. Sua principal virtude consiste em demonstrar que a transdisciplinaridade não representa mera inovação metodológica, mas um novo modo de compreender a produção do conhecimento escolar, colocando o estudante como protagonista da aprendizagem e defendendo uma educação comprometida com a formação humana integral.

Se o primeiro capítulo estabelece os fundamentos epistemológicos da obra, o segundo amplia essa discussão mediante uma reconstrução histórica da educação brasileira. O objetivo do autor consiste em demonstrar que o modelo disciplinar atualmente dominante não surgiu por acaso, mas constitui o resultado de um longo processo histórico marcado por interesses econômicos, políticos e ideológicos.

A narrativa inicia-se ainda no período colonial, destacando que a educação brasileira sempre ocupou posição secundária nas prioridades governamentais. Segundo o autor, desde a colonização portuguesa consolidou-se uma estrutura dual de ensino: uma educação destinada às elites, voltada para a formação intelectual, e outra direcionada às camadas populares, limitada à preparação para o trabalho. Essa duali-

dade histórica constitui um dos principais argumentos utilizados para explicar as desigualdades educacionais contemporâneas.

Depois de construir, nos dois primeiros capítulos, a fundamentação epistemológica e histórica de sua tese, o autor altera significativamente a natureza da obra. Se até então predominava um discurso essencialmente teórico, o terceiro capítulo inaugura a dimensão empírica da investigação, aproximando o debate conceitual da realidade cotidiana da escola pública, o que representa um dos maiores méritos do livro. O autor evita que a transdisciplinaridade permaneça apenas como um ideal filosófico e procura submetê-la ao confronto com a prática educativa. A questão deixa de ser simplesmente **"o que é a transdisciplinaridade"** para tornar-se "como ela aparece — ou deixa de aparecer — no cotidiano escolar". Nesse sentido, a transição entre teoria e pesquisa empírica confere maior credibilidade ao trabalho. Em vez de defender um paradigma apenas por sua elegância conceitual, o autor busca verificar sua viabilidade pedagógica.

Quanto ao método de pesquisa, percebe-se claramente a opção pela **pesquisa qualitativa**, cuja finalidade não consiste em medir fenômenos educacionais por indicadores estatísticos, mas compreender os significados atribuídos pelos sujeitos às suas práticas pedagógicas. A investigação desenvolve-se mediante observações em escolas públicas, entrevistas semiestruturadas com professores e grupos focais com estudantes, permitindo captar percepções, conflitos, expectativas e experiências concretas vivenciadas no cotidiano escolar. Essa escolha metodológica mostra-se coerente com o próprio objeto da pesquisa, uma vez que a aprendizagem significativa dificilmente poderia ser reduzida a números ou testes padronizados.

Outro aspecto significativo de destaque é o cuidado que o autor teve ao privilegiar múltiplas vozes. O estudo não se limita à perspectiva docente, mas incorpora também o olhar dos estudantes. Essa decisão metodológica reforça uma das teses centrais da obra: compreender a educação exige reconhecer que o conhecimento é construído na interação entre diferentes sujeitos.

Ao longo do capítulo, percebe-se que muitos professores demonstram compreender teoricamente a importância de práticas pe-

dagógicas contextualizadas. Entretanto, suas ações cotidianas permanecem fortemente condicionadas pela estrutura disciplinar da escola. O currículo fragmentado, a divisão rígida das áreas do conhecimento, a pressão pelo cumprimento de conteúdos e os modelos tradicionais de avaliação dificultam iniciativas verdadeiramente transdisciplinares. Nesse sentido, o autor evita responsabilizar exclusivamente o professor pelos limites da aprendizagem. Pelo contrário, evidencia que as práticas docentes são condicionadas por um sistema educacional que favorece a compartimentalização do conhecimento. A escola, portanto, aparece simultaneamente como espaço de transformação e de reprodução de modelos históricos.

As entrevistas revelam ainda um fenômeno recorrente: embora muitos docentes afirmem desenvolver práticas interdisciplinares, poucos conseguem distinguir claramente interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. Em diversas situações, projetos temáticos ou atividades integradas são apresentados como experiências transdisciplinares, quando, na realidade, permanecem restritos à colaboração entre disciplinas, o que constitui uma contribuição importante da pesquisa. O problema não reside apenas na ausência de práticas inovadoras, mas também na fragilidade da formação teórica dos próprios educadores acerca das categorias epistemológicas utilizadas na literatura contemporânea.

Quanto às entrevistas dos estudantes, os resultados tornam-se igualmente reveladores. Os depoimentos indicam maior interesse quando os conteúdos dialogam diretamente com experiências vividas fora da escola. Os alunos valorizam atividades que relacionam diferentes áreas do conhecimento, utilizam problemas reais e permitem maior participação durante o processo de aprendizagem. Em contrapartida, demonstram desmotivação diante de aulas excessivamente expositivas, centradas na memorização e desvinculadas de sua realidade social.

É justamente nesse ponto que o conceito de **aprendizagem significativa** deixa de ser apenas uma referência teórica para converter-se em categoria interpretativa dos dados produzidos pela pesquisa. A significação do conhecimento passa a depender da possibilidade de o estudante estabelecer relações entre os conteúdos escolares e sua ex-

periência concreta. Contudo, o capítulo também evidencia que a implementação da transdisciplinaridade enfrenta obstáculos muito mais amplos que a simples vontade dos professores. Aspectos como carga horária fragmentada, currículos rigidamente organizados, excesso de conteúdos obrigatórios, ausência de planejamento coletivo e limitações institucionais aparecem repetidamente nas falas dos participantes. Nesse sentido, percebe-se hipótese geral da pesquisa: transformar a educação implica mudanças estruturais, e não apenas metodológicas.

Quanto à análise crítica, entretanto, percebe-se certa limitação na apresentação dos dados. Em diversos momentos, o autor privilegia descrições das respostas obtidas, dedicando menor espaço à análise interpretativa das contradições presentes nos discursos dos participantes. Algumas categorias analíticas poderiam ser exploradas com maior profundidade, especialmente quando surgem divergências entre o discurso docente e a prática observada em sala de aula.

A investigação realizada no estudo de Hubbert (2026) concentra-se em apenas duas escolas públicas de um mesmo município. Embora isso não comprometa a validade da pesquisa qualitativa — cujo objetivo não é generalizar estatisticamente os resultados —, restringe a possibilidade de extrapolar as conclusões para outros contextos educacionais brasileiros. Apesar dessas restrições, o terceiro capítulo representa um importante momento de equilíbrio entre teoria e prática. Ao colocar em diálogo os referenciais da complexidade, da aprendizagem significativa e da transdisciplinaridade com a realidade escolar concreta, o autor demonstra que sua proposta não se limita ao campo das abstrações pedagógicas, mas busca responder a problemas efetivamente vivenciados por professores e estudantes.

Para o contexto educacional, talvez esta seja sua principal contribuição: mostrar que a transformação da escola depende menos da adoção de novas técnicas didáticas e muito mais da construção de uma nova cultura pedagógica, capaz de religar saberes, reconhecer a complexidade da experiência humana e devolver significado ao ato de aprender.

O quarto capítulo representa o ápice científico da obra. Se os capítulos anteriores construíram a fundamentação histórica e episte-

mológica da investigação, é aqui que o autor confronta sua hipótese central com os dados obtidos no trabalho de campo. Trata-se, portanto, do momento em que a pesquisa deixa de ser predominantemente bibliográfica e assume caráter analítico, procurando demonstrar em que medida a transdisciplinaridade pode contribuir para uma aprendizagem efetivamente significativa.

Desde as primeiras páginas, percebe-se uma preocupação metodológica em organizar os resultados segundo categorias de análise derivadas tanto do referencial teórico quanto das entrevistas e observações realizadas. Essa opção evidencia uma coerência interna entre o desenho metodológico da pesquisa e sua interpretação dos dados. Em vez de apresentar simplesmente as respostas dos participantes, o autor procura compreender os sentidos atribuídos por professores e estudantes às suas experiências escolares.

Uma das primeiras constatações diz respeito ao modo como os docentes percebem sua própria prática pedagógica. Embora a maioria reconheça que a fragmentação disciplinar constitui um problema da escola contemporânea, poucos conseguem romper efetivamente com ela. A pesquisa demonstra que existe uma diferença significativa entre o discurso pedagógico e a prática cotidiana. Os professores afirmam valorizar metodologias participativas, contextualizadas e integradoras, mas continuam desenvolvendo aulas predominantemente expositivas, centradas no cumprimento do currículo e na transmissão de conteúdos. Divergência que não é interpretada como incoerência individual dos docentes. Pelo contrário, o autor demonstra que ela decorre das condições estruturais impostas pelo próprio sistema educacional. Currículos excessivamente compartimentados, organização disciplinar rígida, carga horária insuficiente para planejamento coletivo, avaliações padronizadas e pressão pelo cumprimento dos conteúdos acabam limitando iniciativas pedagógicas inovadoras. A investigação, portanto, desloca a responsabilidade do indivíduo para a própria organização institucional da escola. Sob essa perspectiva, um dos maiores méritos do capítulo consiste em evitar interpretações simplificadoras da crise educacional. Em nenhum momento o autor atribui exclusivamente ao professor o fracasso da aprendizagem. Ao contrário, evidencia que a prática docente está inserida numa complexa rede

de condicionamentos históricos, políticos e administrativos que frequentemente inviabilizam mudanças mais profundas.

A análise das entrevistas revela igualmente uma compreensão bastante significativa acerca da motivação discente. Os estudantes manifestam maior envolvimento quando conseguem perceber utilidade concreta nos conhecimentos trabalhados em sala de aula. Não valorizam apenas metodologias "diferentes", mas principalmente atividades que estabelecem relações entre os conteúdos escolares, suas experiências de vida e os problemas sociais que vivenciam diariamente. O resultado obtido confirma uma das hipóteses formuladas ao longo do livro: a aprendizagem significativa depende menos da quantidade de informações transmitidas e muito mais da possibilidade de atribuição de sentido ao conhecimento.

É interessante observar que, em diversos depoimentos, os alunos não criticam propriamente as disciplinas escolares. O que criticam é a forma isolada como essas disciplinas lhes são apresentadas. Tal percepção reforça a defesa da transdisciplinaridade desenvolvida pelo autor, segundo a qual o problema da escola contemporânea não reside na existência das disciplinas, mas na incapacidade de estabelecer relações entre elas.

Quanto ao papel atribuído ao professor, os dados obtidos demonstram que os estudantes valorizam docentes capazes de dialogar, escutar, problematizar e contextualizar os conteúdos. A autoridade do professor deixa de estar fundamentada exclusivamente na posse do conhecimento e passa a construir-se mediante sua capacidade de mediação. Numa clara aproximação dos estudos de Paulo Freire, Philippe Meirieu e Edgar Morin, frequentemente mobilizadas ao longo da obra, o autor deixa de ocupar a posição de centro absoluto do processo educativo para tornar-se articulador das múltiplas experiências de aprendizagem.

Analiticamente, percebe-se que o conceito de **reencantamento do educando** assume um significado muito mais profundo do que simples motivação escolar. O autor utiliza essa expressão para indicar a reconstrução do vínculo entre estudante, conhecimento e realidade. Reencantar significa devolver ao ato de aprender sua dimensão existencial, ética e social. Em vez de compreender a aprendizagem signi-

ficativa apenas como estratégia didática, ela passa a representar uma nova maneira de conceber a formação humana. Aprender significa compreender o mundo para agir sobre ele, e não apenas acumular informações para avaliações escolares. Entretanto, a análise também revela limites importantes. O próprio autor reconhece que a transdisciplinaridade não pode ser entendida como solução única para os problemas da educação brasileira. Aspectos como desigualdade social, precarização das escolas públicas, insuficiência de investimentos, formação inicial dos professores e políticas educacionais permanecem condicionando fortemente qualquer tentativa de inovação pedagógica. Em vez de apresentar a transdisciplinaridade como resposta universal, o pesquisador reconhece seu potencial sem ignorar suas limitações. Do ponto de vista metodológico, o capítulo apresenta boa articulação entre teoria e dados empíricos. As categorias analíticas são constantemente confrontadas com a literatura especializada, evitando que a pesquisa permaneça restrita ao plano descritivo.

Contudo, algumas limitações permanecem perceptíveis. Em determinados momentos, a análise poderia aprofundar mais as divergências encontradas entre diferentes grupos de participantes. As vozes docentes tendem a aparecer relativamente homogêneas, quando provavelmente existiam diferenças importantes relacionadas ao tempo de experiência profissional, área de atuação ou formação acadêmica. Também se observa que a investigação privilegia predominantemente as potencialidades da transdisciplinaridade, dedicando menor espaço às dificuldades concretas de sua implementação. Questões como reorganização curricular, avaliação da aprendizagem, gestão escolar e políticas públicas poderiam receber discussão mais aprofundada. Ainda assim, o quarto capítulo consolida a principal contribuição científica da obra: demonstrar empiricamente que a aprendizagem significativa depende da capacidade da escola de superar a fragmentação dos saberes e construir práticas educativas capazes de integrar conhecimento, experiência e realidade social.

Sob o ponto de vista educacional, trata-se do momento em que a pesquisa evidencia que o chamado "reencantamento do educando" não decorre de técnicas motivacionais ou metodologias inovadoras isoladas, mas de uma profunda transformação na concepção de ensino, aprendizagem e formação humana. Essa conclusão prepara o

leitor para o último capítulo, no qual o autor sintetiza os resultados alcançados e explicita as implicações pedagógicas de sua investigação para a formação docente e para a construção de políticas educacionais comprometidas com uma educação integral.

O quinto capítulo encerra a obra retomando a hipótese formulada na introdução: a de que a transdisciplinaridade pode constituir um caminho para o "reencantamento" do educando. Diferentemente do que ocorre em muitas pesquisas acadêmicas, entretanto, as considerações finais não se limitam a resumir os resultados obtidos. O autor procura construir uma síntese interpretativa capaz de articular a fundamentação teórica, a investigação empírica e as implicações pedagógicas decorrentes de seu estudo.

A conclusão não aparece como simples fechamento formal, mas como culminância lógica de uma argumentação desenvolvida desde os primeiros capítulos. O primeiro aspecto ressaltado pelo autor consiste na confirmação de que a crise da aprendizagem significativa não pode ser atribuída exclusivamente ao estudante, ao professor ou à escola. Trata-se de um fenômeno complexo, produzido pela interação de fatores históricos, curriculares, institucionais, culturais e epistemológicos. Essa compreensão revela coerência com toda a fundamentação construída anteriormente, especialmente com a influência do pensamento complexo de Edgar Morin.

A pesquisa demonstra que o desinteresse discente não decorre de uma suposta falta de compromisso das novas gerações com os estudos. Pelo contrário, ele surge da dificuldade de os estudantes reconhecerem significado naquilo que lhes é ensinado. Quando o conhecimento escolar permanece desconectado da realidade social, da cultura local e das experiências concretas dos aprendentes, a aprendizagem transforma-se em mera repetição de informações, o que constitui uma das contribuições mais importantes da obra para o campo educacional. O autor desloca o debate do problema da "motivação do aluno" para a discussão sobre a própria organização do conhecimento escolar. Em outras palavras, o foco deixa de ser o comportamento do estudante e passa a ser a qualidade das relações estabelecidas entre ensino, aprendizagem e realidade.

Um aspecto significatino nas/das considerações finais (do livro resenhado) diz respeito à redefinição da função social do professor.

Ao longo de todo o livro, o docente deixa de ser concebido como autoridade responsável pela transmissão de conteúdos para assumir a condição de mediador da construção coletiva do conhecimento. Na conclusão, essa ideia é retomada e aprofundada.

Segundo Matte (2026), formar professores para uma educação transdisciplinar exige muito mais que oferecer cursos sobre metodologias ativas ou inovação pedagógica. Requer modificar profundamente os processos de formação inicial e continuada, permitindo que o futuro educador compreenda o conhecimento como sistema integrado e dinâmico.

No atual contexto brasileiro, grande parte das licenciaturas ainda organiza seus currículos de forma rigidamente disciplinar, preparando professores para reproduzir exatamente o modelo cuja superação o livro propõe. Nesse sentido, a pesquisa ultrapassa o debate metodológico e alcança uma crítica estrutural da própria formação docente.

As conclusões do autor também denotam que a implementação da transdisciplinaridade depende de transformações institucionais mais amplas. Não basta a boa vontade dos professores. É necessário rever currículos, sistemas de avaliação, formas de gestão escolar e políticas públicas capazes de favorecer práticas colaborativas entre docentes. Esse reconhecimento impede que a obra assuma um caráter excessivamente idealista. O autor demonstra consciência de que mudanças paradigmáticas não ocorrem apenas pela adoção individual de novas metodologias. Entretanto, permanece clara sua convicção de que toda transformação estrutural começa pela revisão da maneira como se compreende o conhecimento. Nesse ponto reside a coerência filosófica do livro: antes de modificar a escola, é preciso modificar a epistemologia que sustenta suas práticas.

IV Avaliação crítica do método de pesquia

Em *Reencantar o educando*, nota-se teor consistente na pesquisa desenvolvida. O autor opta por uma investigação qualitativa, fundamentada em pesquisa bibliográfica, observação participante, entrevistas semiestruturadas e análise interpretativa dos dados. Essa

escolha revela-se plenamente adequada ao problema investigado. Questões relacionadas à aprendizagem significativa, às percepções docentes e às experiências discentes dificilmente poderiam ser compreendidas mediante procedimentos exclusivamente quantitativos. Outro mérito metodológico consiste na triangulação entre diferentes fontes de informação. A investigação articula literatura especializada, observações em sala de aula e depoimentos de professores e estudantes. Essa combinação reduz o risco de interpretações baseadas apenas em discursos individuais e amplia a confiabilidade das conclusões.

Destaca-se também a coerência entre objeto, objetivos e procedimentos metodológicos. Não há ruptura entre aquilo que o autor pretende investigar e os instrumentos utilizados para produzir os dados. Todavia, algumas limitações precisam ser registradas:

a) universo investigado: a pesquisa concentra-se em apenas duas escolas públicas de um único município. Embora essa delimitação seja perfeitamente aceitável em pesquisas qualitativas, restringe a possibilidade de generalização das conclusões para realidades educacionais bastante distintas;

b) predominância da análise interpretativa: em alguns momentos, a apresentação dos resultados poderia aprofundar o confronto entre diferentes discursos docentes ou explorar mais sistematicamente as divergências observadas durante o trabalho de campo. Também se percebe pequena ausência de diálogo com pesquisas empíricas internacionais sobre transdisciplinaridade e aprendizagem significativa. A inclusão de estudos comparativos poderia ampliar ainda mais o alcance científico da investigação. Essas observações, entretanto, não diminuem o rigor metodológico do trabalho, mas indicam possibilidades para pesquisas futuras.

V Contribuições da obra para o contexto educacional

A principal contribuição do livro consiste em demonstrar que a aprendizagem significativa depende fundamentalmente da reconstrução das relações entre conhecimento, sujeito e realidade.

Ao defender a transdisciplinaridade como paradigma educativo, o autor ultrapassa o debate sobre técnicas pedagógicas e propõe

uma revisão epistemológica da escola contemporânea. A educação deixa de ser entendida como simples transmissão disciplinar de conteúdos para assumir caráter formativo, crítico e humanizador.

A obra também conistse em importante instrumento para a formação docente ao enfatizar que ensinar implica aprender continuamente. Essa perspectiva aproxima-se das concepções freireanas de dialogicidade, sem limitar-se à reprodução de seus conceitos.

Destaca-se aspecto significativo quanto à defesa de uma educação comprometida com a cidadania, a ética, a solidariedade e a compreensão da complexidade social. Em tempos marcados pela fragmentação do conhecimento e pela circulação acelerada de informações, essa proposta revela grande atualidade.

VI Limitações da obra

Embora consistente, o livro apresenta algumas fragilidades. Em primeiro lugar, a fundamentação teórica, por vezes, assume caráter excessivamente reiterativo. Certos conceitos — especialmente aprendizagem significativa, complexidade e transdisciplinaridade — retornam diversas vezes ao longo da obra com argumentações semelhantes. Em segundo lugar, a narrativa histórica ocupa espaço bastante amplo. Embora relevante para contextualizar o problema investigado, alguns segmentos poderiam ser sintetizados em favor de maior aprofundamento da análise empírica. Também se observa certa assimetria entre teoria e pesquisa de campo. A fundamentação bibliográfica é extremamente extensa, enquanto os resultados empíricos, embora consistentes, poderiam receber exploração analítica ainda mais aprofundada. Finalmente, a obra dedica pouca atenção às políticas públicas educacionais contemporâneas. Aspectos como financiamento da educação, gestão escolar, currículo nacional e avaliação externa aparecem apenas marginalmente, apesar de influenciarem diretamente a implementação das propostas defendidas.

Conclusão dos resenhistas

Reencantar o educando constitui uma contribuição relevante para o debate educacional brasileiro ao defender que a superação da fragmentação dos saberes exige mais do que reformas curriculares ou inovação metodológica: requer uma transformação epistemológica da própria escola.

Ao articular pensamento complexo, aprendizagem significativa e transdisciplinaridade, o autor constrói uma reflexão sólida, sustentada por consistente fundamentação bibliográfica e por investigação empírica realizada no contexto da educação pública. Sua principal virtude reside em aproximar teoria e prática, demonstrando que os desafios educacionais contemporâneos não podem ser enfrentados mediante soluções simplificadoras. Mesmo apresentando limitações inerentes ao recorte empírico adotado e certa predominância da exposição teórica sobre a análise dos dados, a obra oferece contribuições importantes para pesquisadores, gestores educacionais e professores interessados na construção de práticas pedagógicas mais integradoras, críticas e humanizadoras.

Em síntese, trata-se de um livro que ultrapassa o âmbito da didática para propor uma nova compreensão da educação. Seu maior mérito consiste em recordar que ensinar não significa apenas transmitir conhecimentos, mas criar condições para que o estudante reencontre sentido no ato de aprender e reconheça a escola como espaço de formação integral, diálogo e transformação social. Trata-se, portanto, de uma obra recomendável para programas de formação docente, cursos de licenciatura e pesquisadores da área de Educação, especialmente aqueles interessados nas interfaces entre complexidade, transdisciplinaridade e aprendizagem significativa.